



RESUMOS > COMUNICAÇÕES
Quarta-feira > 18/10 > 14:00-15:30
Sala 1012

Ricardo Miranda Nachmanowicz > UFMG

O discurso do “pluralismo estético” de Arthur Danto contraposto ao conceito de “imbricação” de Theodor Adorno.

O presente tema têm como objeto de análise um conhecido cânone da filosofia da arte e estética, e o toma sob o viés de uma revisão analítica da literatura, não somente informativa mas nem especificamente crítica, mas com o intuito de produzir uma reflexão sobre as categorias e a fenomenologia de base presente nos autores mais caros ao núcleo do debate pertinente a “arte contemporânea”. De modo sintético podemos dizer que o problema se situou e ainda permanece concentrado na necessidade filosófica de um diagnóstico intrínseco a certos movimentos artísticos localizados na porção norte do continente americano, agendados na década de 60 do século passado, a saber, a arte minimalista, a arte conceitual, o movimento Fluxus e a Pop Arte. A fixação do cânone acontece na medida em que tal diagnóstico é cabalmente realizado e concentrado nos seguintes conceitos: a) pós-história; b) fim da arte; c) ausência de narrativa ou programa comum; d) anti-narrativa; — por fim, e a meu ver, a premissa que move esse conjunto de questões até o presente — e) a ideia de que “b” e “c” pertencem inevitavelmente à teleologia engendrada pela nova arte. Nossa contribuição consiste em colher da avaliação tardia de T. Adorno sob o conceito de “imbricação” e de A. Danto sob o conceito de “pluralismo estético” elementos para discutir a pertinência do cânone para as produções estéticas do séc. XXI. Esses últimos conceitos, embora aparentemente afeitos, possuem um domínio e extensão conceitual bastante contrastante, sobretudo quando utilizados em uma descrição da base fenomenológica intrínseca aos objetos e eventos estéticos do século presente.

Artefatos tecnológicos têm estética?

Devereux (1977), Davies (1991), Dipert (1991), Hilpinen (1993), Levinson (2007) e Dickie & Stecker (2009) inscreveram a filosofia dos artefatos na agenda das discussões contemporâneas da Estética, algo que Flusser (1999) realizou com a filosofia do Design. Ambos tópicos também assumiram um lugar destacado no âmbito de duas abordagens recentes da filosofia do design e dos artefatos associadas à 'escola holandesa' de Filosofia da Tecnologia e da Engenharia. O programa de pesquisa 'A Natureza Dual dos Artefatos Técnicos' argumenta que artefatos são estruturas físicas planejadas que executam funções as quais se referem à intencionalidade humana. Já a 'Teoria dos Aspectos Modais dos Artefatos' sustenta que os artefatos comportam dois conjuntos de aspectos: estruturais/materiais: (1) aritmético, (2) espacial, (3) cinemático e (4) físico-químico; e intencionais/funcionais: (5) biótico, (6) psíquico, (7) analítico, (8) formativo, (9) linguístico, (10) social, (11) econômico, (12) estético, (13) jurídico, (14) moral e (15) convicção. A identidade de um artefato envolveria uma unidade coerente dessas quinze modalidades, irreduzíveis entre si – e o aspecto estético consistiria em apenas uma dimensão, intrínseca e indissociável, dos artefatos. Assim, Kroes (2010) sugere que os artefatos estéticos correspondem a uma subclasse da classe geral de artefatos, entendidos como objetos produzidos por humanos para fins práticos. Artefatos artísticos seriam materiais modelados (design) por razões essencialmente estéticas, e não por motivações práticas. Contudo, motivações estética e práticas não seriam categorias mutuamente excludentes, de forma que permanece difícil estabelecer uma demarcação inambigua entre artefatos como obras de arte ou artefatos técnicos. Com efeito, nossa comunicação pretende retomar esse diálogo entre Estética e a filosofia do design e dos artefatos partindo das referidas abordagens da 'escola holandesa' da Filosofia da Tecnologia e da Engenharia.

Regina Sanches > UFMG

O que resta do fim da arte? O conceito kantiano de reflexão apropriado na recepção da arte contemporânea

O objetivo geral deste trabalho é avaliar o momento de incerteza lançado pelo “fim da arte” (isto é, o fim das narrativas mestras da arte), a partir da relação entre arte e reflexão proposta por Kant na Crítica da faculdade do Juízo. Como objetivo específico, pretende-se mostrar que há um equívoco por parte dos atuais críticos de Kant que acusam sua estética de ser obsoleta no que tange à recepção da arte contemporânea, uma vez que ela não define nenhum conceito sobre a arte. Dentre esses atuais críticos e filósofos destaca-se Arthur Danto. O crítico afirma que a estética kantiana não permite responder à questão que a Brillo Box suscitou, isto é, por que algo é uma obra de arte, quando algo exatamente idêntico não o é. Isso o deixou perplexo, levando-o a afirmar que a história da arte, que inclui a estética clássica, não seria capaz de fornecer nenhuma resposta satisfatória. A respeito da atualização da estética kantiana, pode-se dizer que a contribuição do crítico belga Thierry De Duve foi, para nós, fundamental no que tange à relação entre arte e reflexão. Foi ele que propôs a substituição do termo “belo”, presente na análise do juízo de gosto da Crítica da faculdade do juízo, por “arte”, sem disso concluir que existe a necessidade de um conjunto de regras estéticas. Esta nova versão expandida e atualizada do juízo estético moderno não mais trata de ver algo “belo” como expressão do juízo estético, mas sim de ver a arte no lugar do que antes era considerado belo. A proposta de De Duve, apesar de não ser necessariamente mais um julgamento de gosto sobre o belo, se mantém após o prognóstico do “fim da arte”.